

Onde pára a força do sindicalismo português?

Cristina Oliveira Silva

"Emprego, Justa Distribuição da Riqueza" e "Mais força aos Sindicatos". São estes os lemas que presidem, hoje e amanhã, ao Congresso da CGTP-IN. A questão é pertinente: afinal, que força têm os sindicatos hoje?

Para Maria da Conceição Cerdeira, elemento da Comissão do Livro Branco para as Relações Laborais, os sindicatos não têm suficiente força de intervenção. A conclusão está, aliás, incluída no próprio Livro Branco (ver infografia), onde as respostas a um questionário adiantam que "a unilateralidade patronal e/ou negociação individualizada reinam na determinação das condições de trabalho dos assalariados", afirma a professora do ISEG.

E se, por um lado, é possível ver a intervenção dos sindicatos a nível de concertação social, por outro, têm menos poder ao nível das próprias empresas, onde muitas vezes nem sequer existem delegados sindi-

cais, diz o investigador do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, Marinus Pires de Lima. E avança que o fenómeno é agravado pela globalização.

Já o investigador do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia de Coimbra, Hermes Costa, avança outras causas que contribuem para a subalternização da força de intervenção: a secundarização, por parte da imprensa, do poder de mobilização sindical ou a génese diferenciada das duas confederações (que nasceram de composições sociais, referências ideológicas e ligações partidárias diferentes), que "tolhem a capacidade do movimento sindical" falar a uma só voz.

Do lado do patronato, Francisco

Van Zeller, acredita que os sindicatos intervêm de facto "na negociação, na legislação, na rua, nos momentos difíceis das empresas", partilhando a opinião de outros especialistas de que há sindicatos com mais e menos força. E aponta para uma forte diferença entre sindicatos da UGT, "que normalmente tentam encontrar uma solução de conciliação e boa para ambas as partes" e os da CGTP cuja "filosofia é a luta de classes, ou seja, a intervenção tem de levar a um que ganha e outro que perde".

Sindicalização. Um determinante do poder dos sindicatos passa pelo nível de sindicalização. Aqui, o Livro Branco aponta para uma taxa de 17%. No entanto, o secretário-geral da UGT, João Prouença, defende antes valores entre os 25 e os 30%. Apesar dos números, "uma parte significativa dos trabalhadores sente-se representado pelos sindicatos embora não seja filiado", diz Joaquim Dionísio, membro do secretariado da CGTP.

Marinus Pires de Lima salienta que as taxas de sindicalização têm vindo a diminuir progressivamente desde o 25 de Abril, e nomeadamente nos últimos dez anos. Também os números do European Industrial Relations Observatory (EIRO), revelam que em 1995 o peso dos assalariados sindicalizados sobre a totalidade

dos empregados era de 25%. Em 2004, o valor já descia para 17% (abaixo da média europeia, de 25%). Uma tendência generalizada à maioria dos países europeus. Para Hermes Costa, o trabalho precário torna cada vez mais urgente a intervenção dos sindicatos, mas, por outro lado, subsiste o receio de que "uma vinculação ao sindicato seja sinónimo de perseguição patronal e perda de emprego", o que justifica mais um dado contido no Livro Branco: a taxa de sindicalização é mais elevada nos trabalhadores com contratos sem termo. A questão da instabilidade de emprego é também apontada pelas confederações sindicais como causa de menor filiação.

A influência dos sindicatos também é visível em aspectos como a negociação colectiva e a mobilização (ver caixa). Neste caso, e tendo em conta as greves, a mobilização tem vindo a diminuir, salvo algumas excepções, avança Marinus Pires de Lima. Por outro lado, diz, as pessoas continuam a

considerar os sindicatos muito importantes, conclusão também do relatório do ICS, e cujos números são espelhados no Livro Branco.

Os países do Norte da Europa são sempre apontados como exemplo em termos de sindicalização. Hermes Costa dá o caso da Dinamarca, onde 80% da população activa está sindicalizada, e a adesão resulta do bom-senso e não de uma escolha política. Além disso, "os sindicatos gerem as caixas de subsídios de desemprego, pagam as reformas antecipadas e negociam as condições laborais por sector". Muito longe, portanto, da situação portuguesa.

Por outro lado, Portugal até consegue reunir uma das mais altas percentagens nos países do Sul da Europa. Para João Prouença, o sucesso no Norte da Europa parte dos próprios sistemas políticos, que consideram os sindicatos "uma peça fundamental no aprofundamento da democracia" e desde sempre favoreceram o reforço da sua intervenção. Por outro lado, é de destacar a tradição de independência dos sindicatos.

Independência. Esta é, aliás, uma questão controversa e que tem sido razão de notícia, com as alegadas pressões do partido comunista sobre a lista do Conselho Nacional da CGTP. Prouença afirma que a Intersindical está totalmente prisioneira do PC mas ga-

A instabilidade de emprego é muitas vezes apontada como uma das causas de menor sindicalização

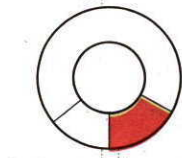


A maioria dos trabalhadores considera que os sindicatos são importantes para a segurança do emprego e para as condições de trabalho. No entanto, apenas 17% diz estar sindicalizado. Esta é uma das conclusões de um inquérito divulgado no Livro Branco das Relações Laborais.

SINDICALIZAÇÃO EM PORTUGAL

Valores em %

Nunca foi sindicalizado: 68,8



Actualmente não, mas já esteve: 14,2

Está sindicalizado: 17,0

IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA AOS SINDICATOS

Valores em %

Os sindicatos são muito importantes para a segurança do emprego dos trabalhadores por conta de outrem



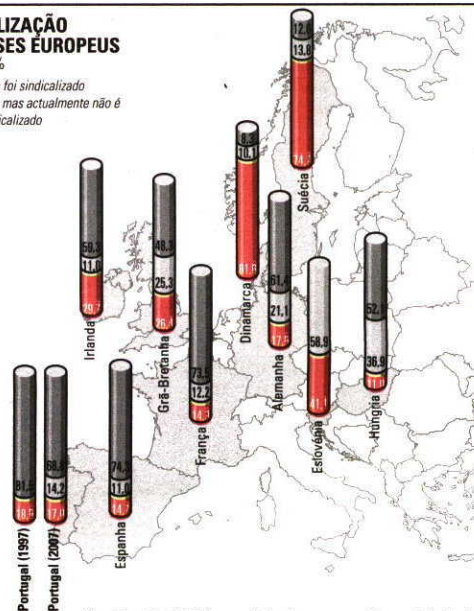
Sem os sindicatos, as condições de trabalho dos trabalhadores por conta de outrem seriam muito piores do que são



SINDICALIZAÇÃO NOS PAÍSES EUROPEUS

Valores em %

● Nunca foi sindicalizado
● Já foi, mas actualmente não é
● É sindicalizado



Nota: O inquérito de 1997 apenas distinguia entre estar e não estar sindicalizado.

CGTP aposta na renovação

❶ O Congresso da CGTP vai discutir o programa de acção da Intersindical para os próximos quatro anos e vai eleger o Conselho Nacional (composto por 147 elementos) que vai contar com a renovação de cerca de um terço dos dirigentes. A lista para o Conselho deixa de fora todos aqueles que, à data do Congresso, contem 60 anos, uma tentativa de renovar os quadros da Intersindical. Isto implica desde logo deixar de parte 15 dirigentes e outros sete em situação de reforma ou pré-reforma. No primeiro caso contam-se nomes sonantes, como o de Florival Lança ou José Ernesto Cartaxo. A aposta da CGTP também passa por aumentar o número de mulheres no Conselho Nacional. Este elegerá, depois, a Comissão Executiva (29 elementos) e o Secretário-Geral, cargo ao qual se recandidata Carvalho da Silva, que já garantiu ser o último mandato. Carvalho da Silva recusou-se sempre a comentar a questão das alegadas pressões do PCP sobre a Intersindical e admitiu ter tido dúvidas em avançar de novo para a liderança.

rante que a UGT não aceita ordens de partidos. E diz que aquela "dependência partidária muito estalinista" leva a um comportamento que dificulta a intervenção do movimento sindical. Joaquim Dionísio recorda que a "UGT tem uma distribuição entre o PS e o PSD" e diz que não vê como negativo, em democracia, que as correntes procurem mais força dentro da CGTP. Até seria desejável que os partidos tivessem "mais acção na área social". Ao invés, errado seria que "um partido político pudesse usar uma estrutura desta natureza". E conclui: "Acho uma ofensa para as tendências sindicais que não são comunistas dentro da CGTP dizer-se que a CGTP é manipulada pelo partido comunista". Marinús Pires de Lima salienta que, quando os partidos tentam hegemonizar os sindicatos enfraquecem a sua acção e, ao provocar clivagens ideológicas, acabam por facilitar a vida ao patronato. Também Hermes Costa recorda que a influência política não é exclusiva da CGTP ou de Portugal. Influências deste tipo fizeram-se sentir "um pouco por toda a Europa". E adianta que nenhum sindicalista "porá de parte as orien-

tações de cariz ideológico que sustentam a sua acção" mas, simultaneamente, "nenhum ousará publicamente contrariar o lema da autonomia sindical" ainda que "muitos 'vistam a camisola' do sindicato e do partido ao mesmo tempo". Mas sublinha que a "excessiva colagem" não favorece a imagem dos sindicatos, principalmente se significar "o esvaziamento do sindicalismo enquanto contra-poder".

Envelhecido ou antiquado? Para Maria da Conceição Cerdeira, as estruturas sindicais estão paradas no tempo, "não tanto pela idade dos dirigentes como muitas vezes é referido" mas "sobretudo, porque vivem de mitos do passado e não enfrentam os desafios" actuais. E dando o exemplo da flexigurança, diz que, de for-

O sindicalismo português está parado no tempo, aponta a professora Maria da Conceição Cerdeira

» **CGTP:** Dados apurados no último Congresso da Intersindical revelam a existência de 759.500 sindicalizados. Actualmente, a CGTP é composta por 141 sindicatos activos, 88 dos quais filiados

» **UGT:** Estão filiados na UGT 60 sindicatos incluindo federações. A central representa cerca de 510 mil trabalhadores

» **Greves:** Em Outubro, a CGTP garante ter conseguido a maior manifestação dos últimos 20 anos, reunindo cerca de 200 mil participantes. O inquérito publicado no Livro Branco avança que 82,4% dos inquiridos nunca fez greve

» **Convenções colectivas:** O número de convenções colectivas aumentou em 2007, para 251, contra as 244 publicadas em 2006, avançam dados da Direcção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho. Também o número de trabalhadores abrangidos aumentou para 1,52 milhões, o valor mais elevado dos últimos anos. Segundo dados divulgados pelo Eurofound, a cobertura da negociação colectiva em Portugal situa-se (2002) nos 87%, acima da média europeia, de 66%. A nível de presença de sindicatos (ou similares) nos locais de trabalho, em percentagem de empregados, Portugal fica nos 34%, enquanto a média europeia é de 53%. Também 65,9% das respostas a um inquérito publicado no Livro Branco avançam que "nunca se realizaram reuniões de trabalhadores na empresa", e só 26% das respostas apontam para a existência de delegados sindicais nas empresas dos inquiridos

ma geral, os sindicatos fogem "de todos os temas que não são clássicos da negociação colectiva". Van Zeller acredita que o sindicalismo da CGTP é muito antiquado vendo a UGT como mais moderna e virada para o futuro. Joaquim Dionísio devolve a crítica. E diz ser "indiscutível" que a CGTP é a organização sindical em que os trabalhadores se sentem mais representados", prova da sua actualidade. ▀

DETERMINAÇÃO DO SALÁRIO, DO HORÁRIO DE TRABALHO E DA CATEGORIA PROFISSIONAL NA EMPRESA

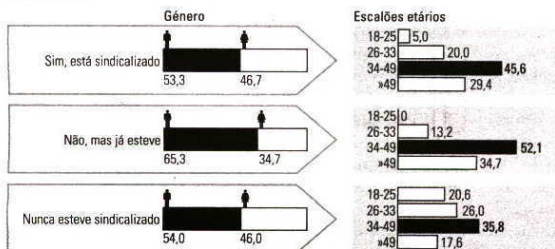
Valores em %

- 1 Pelo empregador, sem qualquer consulta ou negociação
- 2 Depois de negociação pessoal com o empregador
- 3 Em consequência da aplicação de uma convenção colectiva de trabalho
- 4 Depois de consulta ou negociação com a comissão de trabalhadores
- 5 Depois de consulta ou negociação com os delegados sindicais



SINDICALIZAÇÃO SEGUNDO O SEXO E A IDADE

Valores em %



SINDICATOS MAIS EFICAZES

Valores em %



SINDICATOS COM QUE SIMPATIZA MAIS

Valores em %

